



**NIETZSCHE E A INTUIÇÃO PSICOLÓGICA
COMO MÉTODO PARA A COMPREENSÃO DA
TIPOLOGIA EXISTENCIAL DA PERSONALIDADE
DE JESUS**

***NIETZSCHE AND PSYCHOLOGICAL INTUITION AS
A METHOD FOR UNDERSTANDING THE TYPE OF
PERSONALITY OF JESUS EXISTENCIAL***

BITTENCOURT, Renato Nunes¹

RESUMO

Neste artigo analisamos de que maneira Nietzsche estabelece sua insólita investigação sobre o tipo psicológico de Jesus através de um viés intuitivo, alheio aos parâmetros historiográficos e filológicos próprios da pesquisa teológica moderna, considerados falhos em decorrência das camadas hermenêuticas que os textos evangélicos receberam ao longo das eras.

Palavras-Chave: Cristologia; Psicologia; Filologia; Idiotia.

ABSTRACT

In this article we analyze how Nietzsche establishes his unusual research about psychological type of Jesus through an intuitive bias, oblivious to the Philological and historical parameters of modern theological research, considered flawed due to the layers that Evangelical hermeneutics received throughout the ages.

Keywords: Christology; Psychology; Philology; Idiocy.

¹ Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ / Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA. E-mail: renatonunesbittencourt@yahoo.com.br.



Introdução

Um dos pontos cruciais da construção axiológica da filosofia de Nietzsche se dá através da crítica radical ao entrelaçamento entre moral e religião, em especial na configuração cristã, modelo mais acabado de negação da existência e repressão aos instintos vitais do ser humano. Todavia, circunstância insólita para aqueles que se apropriam das críticas nietzschianas ao *establishment* cristão como forma de sustentarem axiologicamente suas próprias disposições iconoclastas reside na proposta filosófica de Nietzsche em seccionar rigorosamente a obra evangélica de Jesus na sua configuração crística originária das suas apropriações institucionais, teológicas e morais posteriores, que promoveram assim a corrupção da mensagem beatífica de Jesus. A figura de Jesus recebe a problematização nietzschiana mais elaborada nas páginas de *O Anticristo*, obra que se caracteriza pela distinção axiológica entre a doutrina evangélica originária, regida pela afirmação imanente da beatitude, e a moral cristã, nascida da degradação daquela experiência sagrada praticada por Jesus.

A elaboração da “Psicologia do Redentor” pelo método intuitivo

A proposta de Nietzsche em *O Anticristo* não consiste de modo algum na apresentação histórica da vida de Jesus, projeto que se revelaria inevitavelmente fadado ao malogro, uma vez que as fontes historiográficas e documentos bíblicos que versam sobre a “vida” de Jesus são frutos de manipulações paulatinas no decorrer das eras, assim como sofreram influências tendenciosas dos seus seguidores, impossibilitando uma análise crítica precisa sobre a personalidade de Jesus; entretanto, se o método historiográfico apresenta suas falhas naturais, haveria a possibilidade de se contornar essa aporia através da ousada utilização do método psicológico no estudo da tipologia evangélica de Jesus, opção que

se caracteriza pela supressão de todo apego aos dados fatuais em prol da capacidade de se detectar os traços atemporais presentes no modo de ser de Jesus.

A cristologia oitocentista pela qual Nietzsche delineia seu eixo crístico estabelece contra a obra de David Strauss um radical contraponto axiológico; para David Strauss, os evangelhos são relatos míticos, não são relatos frutos do engano, mas frutos de imaginação mítica que cria uma narração para transmitir uma ideia. Isso não afeta o núcleo da fé cristã: a humanidade de Deus, segundo ele. Os evangelhos são, portanto, dirigidos para a fé e não possuem fiabilidade histórica; é impossível reconstruir a vida de Jesus de Nazaré. Para Renan, outro interlocutor ao qual Nietzsche apresentará críticas incisivas, apesar de Strauss ter feito importantes e inegáveis avanços na crítica dos textos evangélicos, ele não pôde se desvencilhar do seu ranço teológico, ficando preso a uma análise caracteristicamente fundamentada no pietismo, da qual Renan buscará, a todo custo, se libertar. Portanto, Renan informa, desde a *Introdução* de sua *Vida de Jesus* [o primeiro volume da série *História dos Origens do Cristianismo*] é uma réplica aos equívocos cometidos na *Vida de Jesus* de Strauss. Todavia, conforme o juízo nietzschiano, Renan incorreria em outras falhas interpretativas, considerando de um modo geral Jesus sob a perspectiva de um herói romântico, carecendo de uma genuína compreensão do tipo psicológico de Jesus, circunstância que faria com que o historiador francês recebesse as críticas de Nietzsche:

Renan – Teologia, ou a corrupção da razão pelo “pecado original” (o cristianismo). Testemunha disso é Renan, que, quando arrisca um Sim ou um Não de natureza mais geral, erra o alvo com penosa regularidade. Ele gostaria, por exemplo, de unir *la science* e *la noblesse*: mas a *science* é



coisa da democracia, isso é algo bem palpável. Ele deseja, com ambição nada pequena, representar um aristocratismo do espírito: mas, ao mesmo tempo, põe-se de joelhos ante a doutrina oposta, o *évangile des humbles*, e não apenas de joelhos... De que serve todo o livre-pensamento, toda a modernidade, zombaria e volúvel flexibilidade, se em suas entranhas o indivíduo permanece cristão, católico e até sacerdote! Renan tem sua inventividade na sedução, exatamente como um jesuíta e um confessor; à sua espiritualidade não falta o amplo sorriso de padre – como todo sacerdote, ele se torna perigoso apenas quando ama (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos*, “Incursoes de um extemporâneo”, § 2).

Depurada das suas agregações discrepantes, forma-se assim um método interpretativo insólito sobre a o sentido da vida e da obra evangélica de Jesus. Eis então as condições pelas quais seria elaborada a “Psicologia do Redentor” proposta por Nietzsche, em sua busca da compreensão sobre a personalidade de Jesus:

O que me importa é o tipo psicológico do Redentor. Afinal, ele *pode* estar contido nos evangelhos apesar dos evangelhos, ainda que mutilado ou carregado de traços alheios: como o de Francisco de Assis está conservado em suas lendas, apesar de suas lendas. *Não* a verdade quanto ao que fez, o que disse, como realmente morreu; mas a questão de o seu tipo ser concebível, de haver sido “transmitido” (NIETZSCHE, *O Anticristo*, § 29).

Curiosamente, a leitura atenta do fragmento anterior evidencia o quão Nietzsche foi influenciado pela *Vida de Jesus* de Renan:

Que os evangelhos são uma parte lendários, isso é evidente, porque estão cheios de milagres e de sobrenatural; mas há lendas de lendas. Ninguém duvida das passagens principais da vida de São Francisco de Assis, embora a sua vida apresente a cada passo o sobrenatural (RENAN, *Vida de Jesus*, Introdução, p. XVII-XVIII).

Em linhas gerais, é importante destacar que no decorrer de *O Anticristo* Nietzsche explicita as suas divergências hermenêuticas com a cristologia de Renan, mas quando faz uso positivo das ideias renanianas não se preocupa em demonstrar o quão foi influenciado pelo pesquisador francês. Cabe ressaltar que essa circunstância seria repetida por Nietzsche na sua conflituosa relação teórica com a obra cristológica de Tolstói: apesar de criticar as disposições compassivas do escritor e demonstrar aversão ao cunho escatológico dos seus textos apologéticos da “genuína mensagem cristã”, Nietzsche realiza os recortes considerados convenientes para o reforço teórico e argumentativo das suas reflexões, sem que, todavia, se preocupe em citar com precisão as fontes utilizadas.²

² No § 7 de *O Anticristo*, Nietzsche faz referência ao problema da decadência vital motivada pela compaixão cristã, incluindo Tolstói como um dos escritores modernos que demonstram essa disposição ética em suas obras. Todavia, apesar dessa divergência axiológica, há pontos em comum fundamentais entre ambos. Comparemos os escritos dos dois autores: “Cristo pedia realmente a seus discípulos que aceitassem os preceitos do Sermão da Montanha? Então pode ou não o cristão participar da justiça, seja como juiz, seja como acusador, o que se constitui numa apelação à força? Pode ele ou não, permanecer cristão, participar da administração, isto é, usar da força contra seus semelhantes? E enfim, pergunta mais importante, a que, com o serviço militar obrigatório, interessa hoje a todos: pode o cristão, contrariamente à indicação tão precisa de Cristo, servir o exército e assim cometer homicídio ou preparar-se para tal?” (TOLSTÓI, *O Reino de Deus está em vós*, p. 56). “Para onde foi o último sentimento de decência, de respeito de si mesmo, se até os nossos estadistas, homens bastante desembaraçados e perfeitamente anticristãos nos atos, ainda se denominam cristãos e recebem a comunhão?... Um jovem príncipe, à frente do seu regimento, magnífico como expressão do egoísmo e da soberba de seu povo –



Para Nietzsche, a historiografia usual encontra-se impedida de analisar objetivamente os “fatos”, visto que os documentos que testemunham os eventos do nascimento do Cristianismo são a prova mais cabal das adulterações operadas em torno da figura de Jesus. Dessa maneira, é tecnicamente impossível analisá-los com os instrumentos científicos da atividade historiográfica:

mas, sem nenhum pudor, confessando-se cristão!... A quem o cristianismo nega, então? O que chama de “mundo”? ser soldado, juiz, patriota; defender-se; zelar por sua honra; querer sua vontade; ser orgulhoso... Toda prática de todo momento, todo instinto, toda valorização que se torna *ato* é anticristã atualmente: que aborto de falsidade deve ser o homem moderno, se apesar de tudo não se envergonhar de ainda chamar-se cristão!” (NIETZSCHE, *O Anticristo*, § 38). O Cristianismo também é possível em cada momento... Não está preso a nenhum dos dogmas desavergonhados que se adornaram com seu nome: não necessita nem da doutrina do *Deus pessoal*, nem da doutrina do pecado, da imortalidade, da salvação, nem da doutrina da fé. Ele simplesmente não precisa de nenhuma metafísica, menos ainda do ascetismo, menos ainda de uma “ciência da natureza” cristã... [O Cristianismo é uma práxis, não uma doutrina religiosa. Ele nos diz como agir, não em que devemos crer.] Quem dissesse nos dias de hoje “eu não quero ser um soldado”, “eu não me importo com os tribunais”, “os serviços da polícia não têm qualquer utilidade para mim”, “eu não quero fazer nada que perturbe a minha paz interior: e se eu tiver de sofrer por isso, nada conservará mais a paz para mim do que o sofrimento” – este seria cristão... (NIETZSCHE, KSA XIII Fragmento Póstumo 11[365], p. 161-162). “O Cristianismo é possível como forma de existência estritamente privada; ele pressupõe uma sociedade estreita, desterrada, perfeitamente apolítica, - ele pertence ao conventículo. Um “Estado cristão”, uma “política cristã” é, pelo contrário, um descaramento, uma mentira, algo como um comando militar cristão, que por fim tratasse o “Deus dos exércitos” como um comandante-em-chefe do estado-maior. Mesmo o papado não esteve jamais em condições de realiza uma política cristã...; e quando os reformadores põem em prática a política, como Lutero, sabe-se perfeitamente que eles são seguidores de Maquiavel, exatamente como quaisquer imoralistas ou tiranos” (NIETZSCHE, KSA XII Fragmento Póstumo 10[135], p. 532). “O cristão torna-se cidadão, soldado, homem da lei, trabalhador, comerciante, erudito, teólogo, sacerdote, filósofo, fazendeiro, artista, patriota, político, “príncipe”... assume de novo todas as atividades que havia abjurado (- a autodefesa, o julgamento, a punção, o juramento, a distinção entre povo e povo, o desprezo, o irritar-se...) Toda a vida do cristão é por fim, precisamente, a vida que Cristo pregou que se devia renunciar... A Igreja, tanto quanto o Estado moderno e o nacionalismo, pertence ao triunfo do anticristão... A Igreja é o Cristianismo tornado bárbaro” (NIETZSCHE, KSA XIII, Fragmento Póstumo 11[364], p. 160-161).

Como podem lendas de santos ser denominadas “tradição?” As histórias de santos são a literatura mais equivocada existente: aplicar-lhes o método científico, na ausência de quaisquer outros documentos, parece-me de antemão condenado ao fracasso – mero ócio erudito... (NIETZSCHE, *O Anticristo*, § 28).

Nessas condições, poderíamos indagar: qual a confiabilidade científica que existe nas narrativas evangélicas que nos foram legadas pela instituição cristã? A rigor, poder-se-ia afirmar que nenhuma, pois a caracterização de Jesus foi distorcida por diversos interesses particulares (acima de tudo interesses morais, teológicos e políticos). A adesão ao cerne dos Evangelhos, portanto, deve ocorrer especificamente por um primado de fé, e não por um convencimento erudito, por persuasão teológica.

Tal circunstância, todavia, não impede o uso positivo da técnica filológica na decifração dos sentidos múltiplos subjacentes a um texto. Não se pode pretender realizar uma análise fidedigna dos textos bíblicos, pois estes foram continuamente manipulados no decorrer da história da religiosidade judaico-cristã, assim como as perdas acidentais e vicissitudes naturais sofridas por esses documentos ao longo das eras. Conforme argumentam Ernani Chaves e Allan Sena,

No que se refere à análise dos Evangelhos, Nietzsche afasta qualquer possibilidade de se aplicar os instrumentos científicos de que a história dispõe com vistas a esse objetivo, porquanto a linguagem dos textos evangélicos não pode ser corretamente interpretada pelo raciocínio lógico, pois aqui se trata de “lendas de santos”, que não se ajustam a um recorte científico qualquer. Ademais, os Evangelhos só podem ser utilizados como documentos comprobatórios naquilo que se refere à desmedida falsificação



da verdadeira história do cristianismo no interior da comunidade cristã inicial responsável pela sua redação (CHAVES & SENA, “Nem gênio, nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus”, In: Revista de Filosofia PUC-PR, v. 21 n. 29, 2008, p. 325).

O que está em questão é tão somente a pretensão erudita de se descobrir a “verdade” de um acontecimento a partir de sua análise racional-conceitual mediante o uso de mecanismos técnicos. Portanto, não se trata de negar a importância da filologia para a compreensão da pleora de valorações de um texto antigo, do qual não temos mais as particularidades do momento “histórico” em que o texto foi criado, como, por exemplo, compreender os pormenores semânticos de um texto, a fim de se evitar possíveis manipulações; todavia, toda interpretação é uma “manipulação”, pois não existe o “texto em si”, assim como uma interpretação puramente objetiva. Porém, ao menos se pode visar o estabelecimento de uma interpretação forte, que promova a potência da vida, e que permita a ampliação do campo de interpretações do objeto de estudo.

Essa proposta hermenêutica de Nietzsche está em absoluta consonância com sua crítica ao historicismo oitocentista, ou seja, da concepção de história compreendida como análise científica dos fatos do passado, empreendida desde a *Segunda consideração extemporânea*. Nietzsche, portanto, realiza uma análise da tipologia psicológica de Jesus mediante um surpreendente aparato intuitivo, descaracterizando a contribuição da teologia e das contribuições historiográficas para tal intento, por considerar que tais recursos, ao invés de permitirem a revelação límpida do sentido originário da obra evangélica de Jesus, acabam na verdade obscurecendo essa realidade primordial. Conforme a interpretação de Rogério Antônio Lopes,

É possível reconstruir o tipo psicológico do Jesus histórico apenas porque os relatos sobre a sua “Boa Nova” não conseguiram encobrir totalmente as marcas da sua própria falsificação. Os Evangelhos devem ser tratados como depoimentos de réus suspeitos, não como relatos fidedignos de fatos e ditos (LOPES, Elementos de Retórica em Nietzsche, p. 147).

A motivação maior para Nietzsche descartar o cerne dos eruditos estudos teológicos de tais autores residiria na ausência de uma compreensão psicológica da tipologia crística, circunstância que, se porventura não retira a qualidade literária e intelectual de tais obras, impedi-las-ia, por sua vez, de fornecer uma base hermenêutica plenamente confiável acerca da experiência evangélica de Jesus em sua expressão mais pura.

Nessas circunstâncias, não é o estudo dos textos sagrados (a “erudição”) que permite a compreensão de como foi possível haver um tipo psicológico tal como o vivido por Jesus, mas sim a “intuição”, processo que transcende a racionalidade formal; a intuição, por ser de natureza atemporal, permitiria a percepção imediata da psicologia crística, estabelecendo uma conexão imediata com a mente beatífica de Jesus. Analisado pela ótica do rigorismo científico, o citado posicionamento interpretativo optado por Nietzsche seria considerado um avilte contra a racionalidade discursiva e os seus métodos formalistas para a obtenção da “verdade” dos fatos. No contexto das narrativas evangélicas, como podemos seccionar precisamente aquilo que é fatural e aquilo que é fantasioso? Por se tratar da vivência do sagrado, as fronteiras entre o real e o simbólico se confundem em qualquer narrativa religiosa sem que exista qualquer precisão técnica.

Para compreendermos o sentido de um texto bíblico, é conveniente sabermos se os documentos que dispomos são originais



ou cópias; no caso de serem cópias, se trazem ou não erros de transcrição e se estes foram deliberados ou involuntários, assim como é necessário também saber quando e por quem foram escritos, determinando-se assim a sua proveniência. Nietzsche continuamente defende a ideia de que se deve aprender a arte de “ler bem” qualquer texto, e por essa expressão destacada podemos entender a leitura cuidadosa, paciente, reflexiva, não como um ofício em si mesmo, mas como uma forma de se evitar a perda do conteúdo semântico e axiológico de qualquer documento textual: “A Filologia, numa época em que se lê demais, é a arte de aprender e de ensinar a ler. Somente o filólogo lê certamente e medita horas sobre seis linhas”.³

A moral normativa deve ser interpretada sob a ótica axiológica da vida e da sua singularidade, mas a decifração do seu código universalista e seu projeto de adestramento civilizatório do homem se dá mediante a perspectiva filológica. Para Éric Blondel,

A moral, portanto, é um texto para o filólogo. Mas que forma lingüística a falsificação, a maquiagem (*Zurechtmachen*), os decretos e apropriações arbitrários, característicos da fé e da moral em geral, tomam neste discurso “atrevidamente arbitrário”? A resposta de Nietzsche, através de toda a obra [O Anticristo], revela uma constância insólita: a forma da *nomeação* e da *denominação* falsas. E é neste nível que a genealogia (“*quem fala?*”) se faz filologia, como retórica, lingüística e etimologia (“*como fala?*”)” (BLONDEL, “As aspas de

Nietzsche: filologia e genealogia”, In: Nietzsche Hoje?, p. 113)

Toda interpretação é arbitrária, pois um texto que revele por si só o seu significado não existe; entretanto, ao menos se pode visar o estabelecimento de uma interpretação forte, que promova o desenvolvimento das condições de vida. A casta sacerdotal exerce sob qualquer documento sob o qual ela detém alguma autoridade normativa a ideia de univocidade textual, para que ninguém mais lhe possa fornecer novos sentidos e interpretações, retirando assim a autoridade cristalizada estabelecida sobre esse documento sagrado.

Dessa maneira, para a consecução do projeto nietzschiano de compreender o âmago da genuína experiência crística não há qualquer dependência em relação às categorias cristológicas atribuídas tanto pela tradição teológica, em decorrência das suas indissociáveis valorações morais e teleológicas, como dos estudos teológicos oitocentistas, eivados de concepções românticas desprovidas de agudeza psicológica. Podemos considerar que o fato de se considerar o desenvolvimento de uma interpretação cristológica pautada na exegese filológica e metodológica como a única forma possível de se compreender o cerne da tipologia crística, em detrimento de uma possível interpretação psicológica baseada na “intuição”, por si só já é um preconceito intelectual caracterizado pelo esforço de se sustentar a tão ansiada pretensa interpretação unívoca de um dado acontecimento em detrimento de outras possibilidades hermenêuticas.

Para Nietzsche, aquela que seria a autêntica figura histórica de Jesus estaria fixada em seu tipo psicológico, suposto que esse tivesse sido transmitido, uma vez despojado dos traços estranhos e incongruentes com que o estabelecimento moral da instituição cristã o teria desfigurado; trata-se de restaurar os traços mutilados de seu tipo psicológico; de outro

³ NIETZSCHE, *O Anticristo*, § 52. **Vejamos ainda outra citação nietzschiana:** “Na verdade, não se é médico e filólogo sem ser também anticristão. Como filólogo, olha-se por trás dos “livros sagrados”; como médico, por trás da degeneração fisiológica do cristão típico. O médico diz “incurável”, o filólogo, fraude” (NIETZSCHE, *O Anticristo*, §47).



lado trata-se de despojá-lo de elementos que a ele são estranhos e que foram acrescidos por camadas diversas de interpretação.⁴ Para compreender a práxis evangélica originária, Nietzsche se influenciaria em especial pela delinação psicológico-literária criada por Dostoiévski em seu romance *O Idiota*:

Jesus-Dostoiévski - Eu conheço apenas um psicólogo que viveu num mundo onde o Cristianismo é possível, onde um Cristo pode surgir a qualquer momento. É Dostoiévski. Ele adivinhou Cristo: - e ele permaneceu instintivamente protegido da representar esse tipo com a vulgaridade de Renan (NIETZSCHE, KSA XIII Fragmento Póstumo 15 [9], p. 409)

No romance, a narrativa se inicia com o retorno do príncipe Míchkin a São Petersburgo, após longa estada para tratamento médico na Suíça, a fim de se encontrar com uma pretensa parenta sua, a generala Iepántchina. Ao estabelecer relações com a família desta, o príncipe se envolve em uma série de infortúnios por conta de seu caráter insólito, marcado pela absoluta falta de resistência aos seus mordazes opositores. Vejamos como Dostoiévski narra uma interpelação de Míchkin a um ofensor:

Eu devo observar ao senhor, Gavrila Ardaliónovitch – disse subitamente o príncipe –, que antes eu realmente era uma pessoa tão sem saúde que de fato era quase um idiota; mas hoje estou restabelecido há muito tempo e por isso acho um tanto desagradável quando me chamam de idiota na cara (DOSTOIÉVSKI, *O Idiota*, p. 114).

Míchkin manifesta algo do espírito crístico em seu modo de ser, talvez uma

espécie de avatar moderno de Jesus.⁵ A esse tipo de homem dedica Dostoiévski a estima mais profunda, pois representa o homem verdadeiramente belo do “paraíso perdido”, cujo grande amor deve tornar-se neste mundo sua loucura e crucificação, porque ele não julga nem resiste ao maligno. Tal como exposto por Anton Uhl, neste mundo de Dostoiévski reencontra Nietzsche o Cristianismo mais autêntico, que, segundo sua consideração, Paulo perverteu tão completamente: incapaz de encontrar dentro de si o “Reino de Deus”, ele o transferiu para o “Além”, ensinou o juízo e criou um Cristianismo que faz guerra, condena, tortura, jura, odeia.⁶

Certamente o recorte psicológico que Nietzsche faz da personalidade de Jesus é baseado na imagem quixotesca do príncipe Míchkin, decorrendo daí a apropriação do termo “idiota”. Dado que deve ser destacado é que, no contexto nietzschiano, esse termo adquire uma poderosa conotação filosófica, uma espécie de tipologia ética que rompe sutilmente com os padrões gregários estabelecidos.

O uso de obras literárias ou apologéticas como suporte para o desenvolvimento da “Psicologia do Redentor” de Nietzsche é uma circunstância polêmica, pois explicitamente se coloca em questão as limitações técnicas e hermenêuticas da teologia sistemática e da análise filológica acadêmica em relação ao estudo dos “textos sagrados”, demonstrando

⁵ Para a compreensão filosófico-psicológico-literária de Míchkin e as suas relações com a tipologia crística elaborada por Nietzsche é de grande pertinência a leitura do artigo “O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoiévski” de Gilvan Fogel, sobretudo na página 53, onde o autor associa o protagonista de *O Idiota* com esse acento psicológico de ser crístico. Ver ainda MÜLLER-LAUTER, *Über Freiheit und Chaos*. Nietzsche – Interpretationen II, p. 407, n. 803. Além disso, há que se destacar que George Steiner em *Tolstói ou Dostoiévski*, em especial p. 113-127, faz também uma valiosa análise sobre a tipologia da “idiotia” do Príncipe Míchkin e as influências de tal perspectiva com a interpretação cristológica de Nietzsche.

⁶ UHL “Dor por Deus e dor pelo Homem: Nietzsche e Dostoiévski”, In: *Nietzsche e o Cristianismo*, p. 53.

⁴ Para mais detalhes dessa questão, é importantíssima a leitura de Oswaldo GIACÓIA JR, *Labirintos da Alma*, p. 70.



assim o quanto essas disciplinas “modernas” são metodologicamente insuficientes para o entendimento adequado da tipologia crística de Jesus. Conforme argumenta Uwe Kühneweg,

Não é com erudição filológica e com Metódica que Nietzsche quer se aproximar da figura de Jesus, porém por meio de uma reconstituição de seu tipo psicológico [...]. A despeito de seu professado rigor de fisiólogo, é necessário constatar: a reconstrução ou reconstituição do tipo do Redentor funda-se em conhecimento intuitivo, em intuição. (KÜHNEWEG, “Nietzsche und Jesus – Jesus bei Nietzsche” In: Nietzsche Studien, v. 15, p.182-197 - Trad. de Oswaldo Giacóia Júnior).

Nietzsche pretende então conceder uma definição categórica para a personalidade de Jesus, definição que seria a chave para a compreensão do grande enigma que foi a vida do Nazareno: este seria um “idiota”, não na sua depreciativa conotação usual do senso comum, mas no sentido original do termo grego, ou seja, de uma pessoa “indiferente” aos valores estabelecidos usualmente pela sociedade, pela coletividade humana, pela civilização, por não compactuar axiologicamente com as circunstâncias que envolvem a realidade cotidiana.⁷ Mais ainda, o “idiota” pode ser compreendido como uma pessoa “original”, “singular”, “privada”, qualidades que reforçam a carga semântica positiva contida em tal tipologia psicológica.

Talvez uma das chaves que nos permitam decifrar essa ideia de “idiota” na vivência crística se encontre, no contexto da narrativa evangélica, na cena em que Jesus diz: “Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse desse mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui” (João, 18, 36). É então a partir dessas características que se estabelece uma

axiologia sagrada da “idiotia” na prática evangélica, mediante a negativa de qualquer pretensão política acerca do advento do “Reino de Deus”, em verdade um estado destituído de temporalidade e concretude material, conforme exposto de maneira sublime por Nietzsche:

[...]. O “reino do céu” é um estado de coração – não algo que virá “acima da Terra” ou “após a morte” [...] O Reino de Deus não é nada que se espere; não possui ontem nem depois de amanhã, não virá em “mil anos” – é a experiência de um coração; está em toda parte, está em nenhum lugar... (NIETZSCHE, O Anticristo, § 34).

A simbologia do “Reino de Deus” como dimensão de alegria atemporal somente pode ser formulada por uma compreensão amoral de mundo, própria da tipologia do “idiota”, que se constitui como uma pessoa original, própria, autêntica, pois ele não combina, de forma instintiva, com as características enfadonhas do “espírito de rebanho”. A tipologia do “idiota” representa então uma pessoa de disposição “extra-social”, que instintivamente não se enquadra nos critérios normativos da coletividade social.⁸ O “Jesus” de Nietzsche é destituído de todo traço transcendente e moral que lhe fora concedido pela visão de mundo cristã.⁹ Todavia, apesar de interpretar a vida do Nazareno como um

⁸ Ressalto que essa perspectiva também é defendida por Fernando de Moraes Barros em **A Maldição Transvalorada**, p. 63.

⁹ Apesar de D. H. Lawrence partir de um enfoque axiológico que se distingue relativamente do nietzschiano, ao enaltecer a figura teológica de Paulo de Tarso, apresento citações que, pelo seu espírito, estabelecem um valoroso diálogo com Nietzsche: “Quanto mais a pessoa vive, mais se dá conta de que há dois tipos de Cristianismo – um centrado em Jesus e no mandamento “Amai-vos uns aos outros”, e o outro fundamentado não em **Paulo**, Pedro ou João, o discípulo amado, e sim no Apocalipse” (LAWRENCE, **Apocalipse**, p. 20). “Jesus era um aristocrata, como também o eram o apóstolo João e **Paulo**. Só mesmo um grande aristocrata é capaz de grande ternura, doçura e altruísmo: a ternura de doçura da força” (LAWRENCE, **Apocalipse**, p. 20).

⁷ NIETZSCHE, **O Anticristo**, § 29.



acontecimento beatífico apenas no seu aspecto imanente, psicológico-afetivo, Nietzsche de modo algum lhe nega a sua “nobreza de espírito”, o seu valor de pessoa singular, sua independência existencial perante as determinações históricas da ordem estabelecida.

A tipologia simbólica do “Idiota” é a de uma pessoa com traços de inocência e ingenuidade na sua personalidade, incapaz de participar da constituição do sistema normativo da ordem civilizada; sendo “inocente”, o “Idiota” é, portanto, “amoral”, pois a sua axiologia não se fundamenta em valores normativos de “Bem” ou “Mal” e tampouco os reconhece como efetivamente existentes. Na própria narrativa bíblica encontramos a corroboração dessa ideia, quando Jesus, ao ser denominado “bom” por um homem admirado por suas qualidades, rechaça tal titulação, afirmando que apenas “Deus” pode ser considerado como tal: “Certo homem de posição lhe perguntou: ‘Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?’ Jesus respondeu: ‘Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus!’ (Lucas, 18, 18-19).

Conforme os dizeres de Bernard Lauret, “O Jesus de Nietzsche se mantém num mundo a parte. É transfigurado, cheio do sentimento de eternidade. Mas não sabe dizer não. Não realiza então o ideal do super-homem e a vontade de poder”¹⁰. Todavia, não é a impossibilidade de Jesus encarnar o projeto heroico-trágico da transvaloração dos valores enunciada por Nietzsche que faz da pessoa do Nazareno uma expressão contrária ao acréscimo da vida. Tal interpretação seria talvez redutora e demonstraria incompreensão do que foi a proposta crística de Jesus: nele encontramos algumas das condições para desabrochamento de uma existência mais potente, mais alegre, através da supressão de estados virulentos do âmago humano. Aliás, Nietzsche resolve de forma

surpreendente tal aporia, ao considerar que o “além-do-homem”, aquele que realizará a “transvaloração dos valores”, é como uma espécie de César com alma de Cristo (NIETZSCHE, KSA XI, Fragmento Póstumo 27[60], p. 289). Ensinando a inocência de espírito ao ser humano, o evangelho de Jesus é precursor daquele que fará da vida imanente a sua celebração e glorificação, justamente o “além-do-homem”.

Dostoiévski, em uma bela carta de fevereiro de 1854 a Natalia Dmitrievna Fonvisin, de fevereiro de 1854, diz: “se alguém pudesse me provar que o Cristo está fora da verdade, e se a verdade realmente excluísse o Cristo, eu preferiria estar com o Cristo e não com a verdade”.¹¹ Parafrazeando essa ideia surpreendente, poderíamos dizer que na concepção nietzschiana pouco importa a postulada “verdade” textual da análise filológica e teológica dos documentos sagrados, pois estes por si só foram modificados continuamente no decorrer dos séculos. Pode-se muito bem estabelecer uma tipologia da figura de Jesus sem que necessariamente tenha que se recorrer aos parâmetros eruditos do dogmatismo teológico que, em última instância, é sustentada pelo argumento de autoridade.

Dessa maneira, para a consecução do projeto nietzschiano de compreender o âmago da genuína experiência crística não há qualquer dependência em relação às categorias cristológicas atribuídas tanto pela tradição teológica, em decorrência das suas indissociáveis valorações morais e teleológicas, como dos estudos teológicos oitocentistas, eivados de concepções românticas desprovidas de agudeza psicológica.

Podemos considerar que o fato de se considerar o desenvolvimento de uma interpretação cristológica pautada na exegese filológica e metodológica como a

¹⁰ LAURET, Bernard. “A inocência do devir”, In: *Nietzsche e o Cristianismo*, p. 120.

¹¹ DOSTOIÉVSKI, Carta a Natalia Dmitrievna Fonvisin In: *Correspondências 1838-1880*, p. 77.



única forma possível de se compreender o cerne da tipologia crística, em detrimento de uma possível interpretação psicológica baseada na “intuição”, por si só já é um preconceito intelectual caracterizado pelo esforço de se sustentar a tão ansiada pretensa interpretação unívoca de um dado acontecimento em detrimento de outras possibilidades hermenêuticas.

Considerações Finais

A proposta nietzschiana de fundamentar sua análise sobre a doutrina evangélica de Jesus e sua dita “Psicologia do Redentor” em parâmetros intuitivos revela-se intelectualmente perspicaz pelo fato de que o método historiográfico moderno, limitado em suas fontes documentais e evadido de valorações alheias ao espírito do mundo judaico-romano de Jesus, torna-se epistemologicamente impreciso nas suas investigações, não obstante os esforços de pesquisadores como David Strauss e Ernest Renan, os principais interlocutores de Nietzsche na composição cristológica de *O Anticristo*. A opção pela narrativa literária de Dostoiévski ocorre pela argúcia psicológica na qual o romancista russo delineia suas críticas ao processo de corrupção da vivência cristã ao longo das eras; com efeito, Dostoiévski estabelece uma visão de mundo heterodoxa em relação aos parâmetros teológicos cristãos tradicionais, aproximando-se, todavia, da mensagem crística originária. Dessa maneira, Nietzsche, em sintonia intelectual com Dostoiévski, encontra neste pensador o interlocutor ideal para o estabelecimento de sua análise sobre o tipo psicológico de Jesus.

As próprias narrativas evangélicas legitimadas teologicamente pela instituição eclesiástica cristã apresentam lacunas na composição da hagiografia da vida de Jesus: somente quatro evangelhos são imputados como canônicos, enquanto centenas de documentos sagrados foram colocados em olvido, destruídos, anatematizados, pelo fato dos conteúdos

desses textos não coadunarem com os propósitos teológicos da instituição cristã em ascensão na transição da Antiguidade Tardia para a dita Idade Média. Não podemos esquecer que ao longo de vários séculos o acesso aos livros e documentos era privilégio de poucos, enquanto a massa social, analfabeta e submetida aos ditames morais da casta sacerdotal, se encontrava coagida a aceitar como verdade absoluta as informações fornecidas pelo clérigo no seu ofício espiritual de guiar a consciência do fiel no caminho da justiça e da retidão.

Ora, em vista dessas questões apresentadas, como podemos de fato obter uma imagem precisa da obra evangélica de Jesus desprovida de qualquer interferência anódina de partes demasiadamente interessadas? Para onde se esvai toda objetividade teológica? Por conseguinte, a proposta nietzschiana desenvolvida nas páginas de *O Anticristo* evidencia sua pertinência filosófica pelo motivo de que, uma vez sendo impossível se ater aos ditos fatos históricos e registros textuais, poder-se-ia estabelecer uma investigação psicológica regida pela perspectiva atemporal, intrinsecamente extemporânea, como se caracteriza, de uma forma geral, a própria obra de Nietzsche.

Referências

- BARROS, Fernando de Moraes. **A Maldição Transvalorada**: o problema da civilização em *O Anticristo* de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Direção Editorial de Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLONDEL, Eric. “As Aspas de Nietzsche: Filologia e Genealogia” In: Scarlett Marton (org.) **Nietzsche Hoje?** Trad. de Milton Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 110-139.
- CHAVES, Ernani; SENA, Allan Davy Santos. “Nem gênio, nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus”, In: Revista de



Filosofia PUC-PR, v. 21 n. 29, 2008, p. 321-336.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Correspondências** (1838-1880). Trad. de Robertson Frizero. Porto Alegre: 8Inverso, 2009.

_____. **O Idiota**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2002.

FOGEL, Gilvan. “O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoiévski” In: Vânia Dutra de Azeredo (org.) **Encontros Nietzsche**. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003, p. 51-70.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. **Labirintos da alma** – Nietzsche e a auto-supressão da Moral. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

KÜHNEWEG, U. “Nietzsche und Jesus – Jesus bei Nietzsche” In: **Nietzsche Studien** 15, 1986, p. 182-197.

LAURET, Bernard. “A inocência do devir” In: **Nietzsche e o Cristianismo**. Trad. de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 113-123.

LAWRENCE, D. H. **Apocalipse / O Homem que morreu**. Trad. de Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LOPES, Rogério Antônio. **Elementos de Retórica em Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2006.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Über Freiheit und Chaos**. Nietzsche – Interpretationen II. Berlin: De Gruyter, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämliche Werke. Kritische Studienausgabe**. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 Vols. Berlin: Walter de Gruyter, 1967-1978.

_____. **O Anticristo – Ditirambos de Dionísio**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos ou**

como se filosofa com o martelo. Trad. de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo: 2006.

_____. **Segunda Consideração Intempestiva**: Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

RENAN, Ernest. **Vida de Jesus**. Trad. de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1915.

STEINER, George. **Tolstói ou Dostoiévski** – Um ensaio sobre o velho criticismo. Trad. de Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2007.

STRAUSS, David Friedrich. **The Life of Jesus. Critically Examined**. Trad. de George Eliot (Marian Evans). New York: Calvin Blanchard, 1860.

TOLSTÓI, Leon. **O Reino de Deus está em vós**. Trad. de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1994.

UHL, Anton. “Dor por Deus e dor pelo homem – Nietzsche e Dostoiévski” In: **Nietzsche e o Cristianismo**. Trad. de Waldemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 1981, p.43-55.